

---

**“ENTÃO, OUVINTES, QUE VOCÊS ABRACEM OS SURDOS”.**  
**ENTREVISTA COM MIRIAM RANGEL RODRIGUES E LUCIANE RANGEL**  
**RODRIGUES**

*“SO, LISTENERS, I HOPE YOU WILL EMBRACE THE DEAF”. INTERVIEW WITH MIRIAM RANGEL RODRIGUES AND LUCIANE RANGEL RODRIGUES*

**Miriam Rangel Rodrigues<sup>1</sup>; Luciane Rangel Rodrigues<sup>2</sup> e Andréa Rodrigues<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição (APADA), Niterói, RJ, Brasil  
miriamrangel.rodrigues@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Nova Iguaçu, RJ, Brasil  
luciane.rangel1966@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil  
andrearodrigues.letras@gmail.com

*Entrevista concedida em maio 2018*

Em 1969, logo após a surdez de sua filha Luciane, Miriam Rangel Rodrigues fundava a APADA em Niterói, com a ajuda de seu marido, de outras famílias de surdos, de amigos e amigas. Hoje, com quase cinquenta anos de existência e presidida por Miriam desde 1983, a APADA oferece creche bilíngue, apoio de profissionais de diversas áreas aos surdos e seus pais, cursos de LIBRAS, exames médicos voltados para a área da surdez, entre muitos outros serviços, a pessoas de várias cidades do Estado do Rio de Janeiro e até mesmo de outros estados. A entrevista reúne Miriam e Luciane Rangel Rodrigues, hoje professora de LIBRAS da UFRRJ, para uma conversa com Andréa Rodrigues, da UERJ, realizada em maio de 2018.

**Andréa Rodrigues** - *Eu queria começar tratando do início mesmo da APADA. Pergunto então a Miriam qual foi, principalmente, a motivação para fundar a APADA?*

**Miriam Rangel Rodrigues** – A meningite da minha filha, Luciane, que terminou em uma surdez profunda. Na época, em 1969, não tive onde me apoiar. Eu precisaria esperar que ela fizesse sete anos para levá-la ao Instituto Nacional de Educação de Surdos e ela estava apenas com dois. Esse foi o grande motivo do início da luta.

**A.R.-** *Como foi o caminho para fundar a Associação?*

**M.R.R.** – Procurei primeiramente pais de surdos em Niterói, todos sem a mínima esperança de conseguir alguma coisa para os filhos. Eu estava em Niterói há pouco tempo, em torno de um ano e meio, não conhecia muita gente ligada à deficiência auditiva. Levei muita água fria pois o desânimo dos pais era muito grande. Foi quando conheci outra nordestina, Gerturdes Câmara Torres, esposa de um deputado estadual, e ela me deu o combustível para ir à frente e fundar a APADA.

---

A.R. – *Em quanto tempo, depois da surdez da sua filha, a senhora conseguiu fundar a APADA?*

M.R.R.- Ane ficou surda em fins de julho de 1969 e a data da fundação da APADA é 20 de novembro de 1969.

A.R. – *Que rapidez!*

M.R.R. – Realmente. Quando acontece uma coisa que muda a vida de toda a família, não se pode perder tempo.

A.R.- *Quais foram as principais dificuldades, no começo?*

M.R.R. – Escolher uma diretoria entre os pais. Eu não poderia ser, pois tinha três filhos pequenos, e Ane, com dois anos, precisando muito de mim. O Jorge, meu marido, foi o primeiro tesoureiro. O presidente foi um médico, Dr. José, pai de um adolescente surdo. E quem ajudou muito a conseguir toda a documentação foi o Dr. Câmara Torres, deputado que já citei.

A.R. – *De lá para cá, muita coisa mudou em relação ao modo como os surdos são vistos na sociedade, vocês concordam?*

**Luciane Rangel Rodrigues** - Concordo plenamente. Realmente, mudou muito mesmo. Naquela época, eu era pequena e não pude usar língua de sinais, os profissionais a consideravam como comunicação de macaco, não a consideravam como língua. Na década de 1960, o pesquisador William Stokoe, que era professor para surdos no Gallaudet, pesquisou sobre ASL (American Sign Language) e passou a considerar as línguas de sinais como língua, pois têm estrutura gramatical como outras línguas orais, com a diferença que são gestuais e visuais. Essa importante contribuição foi divulgada no mundo todo. No Brasil, apenas na década de 1980 passou-se a valorizar a língua de sinais e a reconhecer a comunidade surda. Um grupo de profissionais criou a sigla LIBRAS, que significa língua brasileira de sinais. Porém, alguns profissionais acadêmicos preferem usar LSB, língua de sinais brasileira e seguimos a regra linguística da Federação Mundial de Surdos. Graças aos movimentos do povo surdo, foi publicada a Lei Nacional de LIBRAS, Lei 10.436, no ano de 2002, regularizada através do decreto 5626 em 2005. Desta lei, surgiram muitas conquistas mas o sistema está mudando muito lentamente. Por exemplo, foram criadas faculdades de Letras-LIBRAS, um projeto elaborado pela Universidade Federal de Santa Catarina a partir de 2006 na modalidade semipresencial e contabilizou mais 1.500 formados em todo o Brasil. Foram abertos mais

concursos para professores surdos e ouvintes nas escolas e universidades públicas.

M.R.R.- Com certeza. Hoje temos surdos universitários, pós-graduandos e doutores. A LIBRAS proporcionou fazer uma faculdade de verdade com o apoio de um intérprete.

A.R.- *De que maneira a APADA se relaciona com essas mudanças?*

M.R.R. Sem dúvida, a APADA conseguiu ter em sua sede um curso fundamental que foi o início do movimento de colocar surdos no Instituto de Educação, já com apoio da LIBRAS. Muitos desses surdos hoje estão trabalhando. Alguns não conseguem o melhor porque a família tem um papel muito importante também na vitória. Mas hoje com as cotas obrigatórias nas empresas, conseguimos colocar cada dia mais surdos no mercado de trabalho. O desemprego está enorme no Brasil mas graças às cotas, os nossos surdos que chegaram pequeninos na APADA hoje estão trabalhando e constituindo família. A ENEL ano passado admitiu 23 surdos que estão se saindo muito bem.

A.R. *Que trabalho maravilhoso. A senhora tinha ideia de como essa Associação, fundada há quase cinquenta anos, ia crescer tanto? Eu vi que vocês oferecem exames e vários outros tipos de serviço, também ajudam a formar profissionais de LIBRAS, com cursos, eventos, etc. Poderia falar um pouco sobre o que a APADA oferece a uma criança pequena surda que chega hoje nela? Desde que idade ela pode entrar na creche, por exemplo?*

M.R.R. – As dificuldades são imensas para manter as portas abertas com um trabalho de qualidade. Temos otorrinos, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas para atender a todos os problemas e um serviço de habilitação que é muito bom. O problema é manter, pois são todos funcionários pela CLT e manter não é fácil. O que muito ajuda são as promoções sociais que são feitas mensalmente, os amigos associados, um convênio com o SUS. Além disso, temos uma creche com oitenta crianças – entre surdas e ouvintes -, que recebe crianças dos 4 meses aos 6 anos, através de um convênio com a Prefeitura de Niterói. Depois que a criança sai da creche, é encaminhada aos centros de alfabetização mas a APADA continua oferecendo todo o apoio às crianças surdas, com o trabalho de fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e terapeutas ocupacionais.

A.R. – *Então, em termos de educação, a criança surda tem na APADA a creche até 6 anos e quando vai para a escola continua tendo o apoio em termos de acompanhamento desses profissionais.*

M.R.R. – Sim. E temos exames importantíssimos, como o BERA, que faz o diagnóstico perfeito da surdez, o Oto emissões acústicas (teste da orelhinha), que permite saber logo que criança nasce se há surdez. Além disso, temos

---

audiometria completa, processamento auditivo central, que ajuda a entender alguns problemas na alfabetização.

A.R. – *As escolas para onde as crianças vão depois da creche da APADA costumam manter contato para saber qual a melhor forma de proceder com uma criança surda, por exemplo? E as famílias?*

M.R.R. – Procuramos oferecer à família todo o apoio possível. Temos contato não só com as escolas mas também com as mães, que trazem as crianças para as sessões de fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, etc.

A.R.- *Luciane, antes de ser professora universitária, você também trabalhou como professora na creche da APADA. Como foi essa experiência? Você ensinava LIBRAS para as crianças? Todas as crianças ou somente as surdas? Havia ouvintes filhos de surdos?*

L.R.R. A APADA sempre foi minha segunda casa, visto que eu frequentava muito durante minha adolescência, fui uma das líderes do movimento surdo e lutava pelos direitos da comunidade surda. Quando comecei a cursar pedagogia na Universidade Veiga de Almeida e precisava de estágio, resolvi fazer na APADA porque sempre quis trabalhar e sonhava em ser diretora da escola de surdos, ou seja escola bilíngue, sendo português escrito e LIBRAS as línguas de instrução. A diretora Lucy gostou do meu estágio e me convidou para trabalhar na creche que passava a atender aos surdos a partir dos 6 meses de vida, no novo projeto elaborado por ela. Aceitei na hora e amava muito todas as crianças. No ano seguinte, já comecei a trabalhar com os bebês e crianças de até 2 anos. Tive experiências bem diferentes porque é tudo visual. Era a primeira creche para surdos no Brasil, em período integral, de 8h às 17h. Na APADA o atendimento era diário, como qualquer creche para ouvintes. Esta experiência foi incrível e muito importante na minha vida profissional. Foi o melhor trabalho da minha vida. Depois de 3 anos como professora, me tornei diretora da creche, viajei muito e fiz muitas palestras sobre creche bilíngue para crianças surdas. Na hora certa, mudei o projeto e acrescentei proposta para as crianças ouvintes, que precisam aprender LIBRAS para se comunicar com os irmãos surdos e também com os pais surdos. Mas, os ouvintes ficavam apenas no primeiro turno e depois do almoço, levávamos as crianças até creches de ouvintes para aprenderem português. Foi uma experiência maravilhosa e estive como diretora por quase 7 anos.

A.R.- *Imagino a experiência enriquecedora que foi, ser diretora de uma creche bilíngue, lutar para o reconhecimento da LIBRAS como uma língua que ouvintes também devem aprender. Miriam, vocês também oferecem curso de LIBRAS na*

---

*APADA para adultos. Quanto tempo dura o curso? Que tipo de profissionais mais costuma procurar essa formação em LIBRAS na APADA?*

M.R.R.- Atualmente, temos mais de 150 alunos no curso de LIBRAS. Temos todo tipo de alunos. Psicólogos são campeões. Até dentistas temos. Há muita procura por intérpretes e as pessoas estão buscando essa formação. Além disso, o desemprego está grande e uma hora de interpretação está pagando 100 reais. São 4 semestres com uma aula semanal de 3 horas. Após esse tempo, a pessoa fica apta a entrar no curso de intérprete. A Universidade Federal Fluminense está preparando um curso muito bom e pediu nosso apoio. O curso engloba muitas disciplinas.

*A.R. – E a Luciane? Chegou a frequentar a creche da APADA quando era criança?*

M.R.R.- Quando ela era criança, ainda não havia a creche. Ela estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, na Gávea, no Liceu de Artes e Ofícios, na Universidade Veiga de Almeida, onde fez Pedagogia. Depois fez Mestrado na UFF e há cinco anos é docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro na cadeira de professor de LIBRAS.

*A.R. – Você considera, Luciane, que a inclusão de LIBRAS nos currículos dos cursos de graduação já vem conseguindo sensibilizar mais os futuros professores para a questão da surdez? Para você, qual seria o principal papel da disciplina de LIBRAS nos cursos de licenciatura?*

LUCIANE RANGEL RODRIGUES – O decreto de LIBRAS do ano 2005 tornou obrigatória a disciplina de LIBRAS nas universidades. A disciplina é obrigatória para quem faz curso de Pedagogia, Fonoaudiologia e licenciaturas. Para outros cursos, é uma disciplina optativa. Infelizmente, na maioria dos currículos, LIBRAS tem carga horária de 30 horas e não conseguimos passar todos os conteúdos teóricos e práticos pois a LIBRAS tem muitos conteúdos para passar, como informações a respeito de língua, cultura, educação de surdos, o surdo na sociedade e outros. Os alunos não dominam LIBRAS ao se formar. Infelizmente, não são todos que têm interesse em aprender esta língua, porém estudam por obrigação. Mas o ensino de LIBRAS busca preparar os professores para receberem os alunos surdos e terem um comunicação em sala de aula. Os professores de Letras aceitam bastante a questão da língua dos sinais. Meu projeto de criar um livro, *Ane e Jota - dois amigos de mundos diferentes*, teve como objetivo divulgar para as crianças e os adolescentes sobre o mundo de surdos, sua língua e cultura. Eles têm que tomar conhecimento desde cedo e passar a respeitar a diferença linguística e cultural da criança surda. Não esperar para aprender LIBRAS nas universidades. Ao mesmo tempo, eu defendi dissertação sobre LIBRAS para alunos ouvintes de quarto ano na escola inclusiva em Niterói. Eles aprenderam rápido e têm muito interesse de aprender. Concluí que devemos criar a disciplina de LIBRAS em todas as escolas desde a

educação infantil até ensino médio, como as disciplinas de inglês e espanhol. Como o Brasil já tem a lei de LIBRAS, por que não tem disciplina de LIBRAS? Existem 9 milhões e 500 pessoas com perda de audição, segundo o IBGE do ano de 2010. No ano passado, realizamos o I Encontro Estadual de Ensino de LIBRAS para Crianças e Adolescentes Ouvintes na UFRRJ de Nova Iguaçu, onde sou professora assistente há quatro anos. Este ano, Faremos o II Encontro, no segundo semestre, para fortalecer a proposta de ensino de LIBRAS em todas as escolas como disciplina extra curricular, ou oficina, ou curso para crianças – um modo de prepará-las para o futuro. Creio que a disciplina de LIBRAS está a caminho, pode demorar muito mas estamos lutando. Estamos juntos na luta!

A.R.- *Esse livro que você publicou, Luciane, pode contar um pouco mais sobre ele?*

L.R.R. – O livro se chama *Ane e Jota* – amigos de mundos diferentes e tem a coautoria de um amigo, Jota Cabral, que fez as ilustrações e também participou da escrita. Contamos a história de uma menina surda e sua amizade com um menino ouvinte. São grandes amigos e, embora tenham diferenças culturais, vivem muitas aventuras, se respeitam e aprendem muito um com o outro. A ideia surgiu da necessidade que vimos de as crianças ouvintes conhecerem mais sobre o mundo surdo e aprenderem a respeitar desde cedo a diferença de cultura linguística do surdo.

A.R.- *Muito interessante porque traz essa experiência com a cultura surda para a literatura infantil, toca em questões fundamentais sobre o tema e, como você observa, desde cedo as crianças podem se familiarizar com essas diferenças. E o que vocês acharam de o tema da redação do ENEM ter sido sobre ensino para surdos?*

M.R.R. – Foi ótimo. Aumentou ainda mais o interesse pelo tema e também a procura pelo curso de LIBRAS.

L.R.R.- Amei este tema, pois chamou muita atenção da sociedade. Os alunos ouvintes não esperavam este tema porque não conheciam nada sobre surdos e sua língua cultural. O assunto começou a aparecer na TV e no jornal todos os dias. Poucos candidatos souberam responder porque já tinham contato com os surdos antes ou já aprenderam no curso de LIBRAS. Aos poucos, a sociedade está respeitando a diferença de surdos e seus direitos. Muita gente não percebe que a porcentagem de população que perde audição é muito grande mas representa uma minoria linguística. Fiquei muito satisfeita ao saber disso. Acompanhei os comentários de alguns candidatos ouvintes ao ENEM e vi que alguns elogiaram muito e também outros que nos ofenderam bastante, infelizmente. Sempre teremos pontos positivos e negativos. Do meu ponto de vista, mudou muita coisa. Sem comparar quando eu era pequena. Antes sem

LIBRAS, sem intérprete de LIBRAS, sem Faculdade para surdos, nem mestrado nem doutorado. Nem concursado surdo, não tínhamos nada mesmo!

*A.R.- O que vocês duas imaginam que ainda poderia melhorar na sociedade em favor dos surdos?*

M.R.R. - Muita coisa tem sido feita para melhorar a vida dos surdos, a quantidade de cursos de libras e a aceitação da sociedade de considerar uma segunda língua para os surdos tem ajudado muito. Só na APADA, são mais de 150 alunos e o número é crescente a cada semestre. A entrada nas universidades tem sido facilitada pelos intérpretes que estão à disposição no vestibular. Falta apenas a confiança na contratação de um surdo, acreditando em sua capacidade. Mas chegaremos lá.

L.R.R. - Em primeiro lugar, estou muito preocupada com o bem estar emocional, psicológico, afetivo e linguístico de bebê ou criança surda quando do diagnóstico da surdez. O médico precisa mudar sua visão clínica e patológica e adotar uma visão antropológica. Deve incentivar os bebês a adquirirem língua de sinais, que é a sua primeira língua, é seu direito linguístico, um direito humano. Hoje, a língua de sinais já é reconhecida pelo ONU. Existem muitas queixas de adolescentes e adultos surdos porque os pais não sabem LIBRAS e por isso eles não conseguem se comunicar em casa. O preconceito linguístico começa em casa! Já está na hora de mudar. Os médicos e familiares são as principais bases da vida do surdo. Esse dia nacional do surdo, oficializado em 2008, é um dia muito especial para a comunidade surda. Mas por que é especial? Porque temos uma história para contar, tivemos uma luta pelos nossos direitos, pelos nossos valores, pela questão da língua de sinais, da cultura surda. Então, ouvintes, que vocês abracem os surdos!

#### **Sobre as autoras**

##### **Miriam Rangel Rodrigues**

Fundadora da APADA, Niterói, RJ, em 1969. Diretora da APADA de 1969 a 1983. Presidente da APADA de 1983 aos dias atuais.

##### **Luciane Rangel Rodrigues**

Pedagoga, especializada em Educação Especial e LIBRAS pelo EFICAZ, Mestra em Diversidade e Inclusão pela UFF, professora de LIBRAS na UFRRJ, em Nova Iguaçu. Publicou, com Jota Cabral, o livro *Ane e Jota – amigos de mundos diferentes*, pela Darda Editora, em 2015.

*Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 12, p. 212-218, 2018

**Andréa Rodrigues**

Professora do Departamento de Letras e do Programa de Mestrado Profissional em Letras da FFP-UERJ, Mestra em Linguística (UFRJ), Doutora em Letras (PUC-Rio), com Pós-Doutorado em Memória Social pela UNIRIO.